

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3978768>



FLORESTAN FERNANDES E O MARXISMO

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Discute-se neste ensaio a teoria da revolução defendida por Florestan Fernandes e sua relação com o marxismo, destacando sua aproximação com a tradição trotskista.

Palavras chave: Florestan Fernandes; Marxismo; Revolução Burguesa; Socialismo.

Abstract

This essay discusses the theory of revolution defended by Florestan Fernandes and its relationship with Marxism, highlighting its approach to the Trotskyist tradition.

Keywords: Bourgeois Revolution; Florestan Fernandes; Marxism; Socialism.

No mês de julho de 2020 foram realizadas numerosas atividades acadêmicas e políticas, bem como publicações especiais, para lembrar o centenário de nascimento de Florestan Fernandes. O sociólogo foi um dos mais importantes intelectuais marxistas brasileiros. Para além de sua produção acadêmica, que reúne contribuições fundamentais para a sociologia no Brasil, Florestan Fernandes também elaborou aportes fundamentais para o pensamento socialista e para a práxis da esquerda, abordando temas como a revolução burguesa, a atuação política dos intelectuais e a organização política dos trabalhadores.

Embora Florestan Fernandes também tenha conhecido a obra de Karl Marx nos meios acadêmicos, seu primeiro contato mais sistemático com o marxismo se deu fora da universidade, dominada pelo funcionalismo na década de 1940. Florestan Fernandes deve essa aproximação com o marxismo a sua militância nas fileiras do Partido Socialista Revolucionário (PSR), do qual foi membro a partir de 1943, bem como à influência de Hermínio Sacchetta, na época um dos principais dirigentes do movimento trotskista no Brasil (COGGIOLA, 1995, p. 11). Embora o PSR tenha se dissolvido em 1953, a aproximação política de Florestan Fernandes com o trotskismo influenciou o marxismo desenvolvido pelo sociólogo, como se percebe em diferentes momentos de sua trajetória política e intelectual.

Para tanto, pode-se ressaltar a utilização por Florestan Fernandes da teoria da revolução permanente e do conceito de desenvolvimento desigual e combinado, sob influência das teses de Leon Trotsky. No que se refere ao desenvolvimento desigual e combinado, o revolucionário russo afirma:

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este ensaio discute algumas considerações inicialmente apresentadas em Silva (2013) e em Silva e Velho (2019). Email para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



a desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas mais arcaicas com as mais modernas (TROTSKY, 1978, p. 25).

Trotsky chama a atenção para os diferentes ritmos de desenvolvimento do capitalismo dos países. Nesse sentido, afirma que esses países com desenvolvimentos econômicos desiguais se relacionam em âmbito mundial, criando relações de dependência entre eles. Portanto, na economia mundial relacionam-se nações mais industrializadas e outros onde ainda predominam formas de organização econômica baseadas, por exemplo, majoritariamente na agricultura, gerando situações de dominação e exploração entre os países. Segundo o economista Ernest Mandel (1982, p. 14),

o modo de produção capitalista não se desenvolveu em meio a um vácuo, mas no âmbito de uma estrutura socioeconômica específica, caracterizada por diferenças de grande importância. (...) As formações socioeconômicas específicas – as “sociedades burguesas” e as economias capitalistas – que surgiram nessas diferentes áreas no decorrer dos séculos (...) abrangem o capitalismo “concreto”, reproduzem em formas e proporções variáveis uma *combinação* de modos de produção passados e presentes, ou, mais precisamente, de estágios variáveis, passados e sucessivos, do atual modo de produção.

Florestan Fernandes incorporou esses referenciais teóricos e analíticos à sua teoria para compreender as relações históricas de produção econômica no Brasil. No entendimento de Florestan Fernandes (1995, p. 119-20), Trotsky,

em sua formulação sobre o desenvolvimento desigual e combinado estabeleceu que, em sociedades atrasadas, as classes trabalhadoras e destituídas podiam acelerar o processo histórico, desempenhando as tarefas negligenciadas ou repelidas pelas classes proprietárias. Em consequência, cabia-lhes desencavar processos históricos latentes à ordem existente, infundir-lhes maior velocidade e encetar a criação de uma sociedade nova.

Em sua principal obra, o livro *A revolução burguesa no Brasil*, originalmente publicada em 1975, o sociólogo aponta que o padrão de desenvolvimento do capitalismo no Brasil se caracteriza a partir de uma dupla polarização, que se constitui internamente por meio da articulação entre o setor arcaico ao setor moderno (ou urbano-comercial e industrial) e externamente por meio “da articulação do complexo econômico agrário-exportador às economias capitalistas centrais” (FERNANDES, 2005, p. 283). Na mesma obra o sociólogo descreve de forma detalhada esse processo de desenvolvimento, procurando polemizar com as perspectivas que apontam para um caminho único do desenvolvimento capitalista:



o que a parte dependente da periferia ‘absorve’ e, portanto, ‘repete’ com referência aos ‘casos clássicos’, são traços estruturais e dinâmicos essenciais, que caracterizam o que Marx designava como uma economia mercantil, a mais-valia relativa etc. e a emergência de uma economia competitiva diferenciada ou de uma economia monopolista articulada etc. Isso garante uniformidades fundamentais, sem as quais a parte dependente da periferia não seria **capitalista** e não poderia participar de dinamismos de crescimento ou de desenvolvimento das economias capitalistas centrais. No entanto, a essas uniformidades - que não explicam a expropriação capitalista inerente à dominação imperialista e, portanto, a dependência e o subdesenvolvimento -, se superpõem diferenças fundamentais, que emanam do processo pelo qual o desenvolvimento capitalista se torna dependente, subdesenvolvido e imperializado, articulando no mesmo padrão as economias capitalistas centrais e as economias capitalistas periféricas. Em um sistema de notação marxista, é a estas diferenças (e não àquelas uniformidades) que cabe recorrer, para explicar a variação essencial e diferencial, isto é, o que é típico da transformação capitalista e da dominação burguesa sob o capitalismo dependente. Só assim se pode colocar em evidência **como** e **por que** a Revolução Burguesa constitui uma realidade histórica peculiar nas nações capitalistas dependentes e subdesenvolvidas (FERNANDES, 2005, p. 339-340).

Nesse processo de desenvolvimento econômico, combinam-se a transformação capitalista e a dominação burguesa, que se expressa tanto pelas contradições internas de classe como pela relação entre os diferentes países. Contudo, segundo Florestan Fernandes (2005, p. 339-340),

essa combinação se processa em condições econômicas e histórico-sociais específicas, que excluem qualquer probabilidade de ‘repetição da história’ ou de ‘desencadeamento automático’ dos pré-requisitos do referido modelo democrático-burguês.

3

Florestan Fernandes rejeita os esquemas prontos, produzidos principalmente pela tradição stalinista, presentes entre numerosos teóricos marxistas do período, que previam sequências fixas de modos de produção para o desenvolvimento da sociedade ou que apontavam para a impossibilidade de se pensar na transformação socialista da sociedade brasileira. Nesse ponto, o sociólogo também se aproxima de Trotsky, na medida em que este também enfrentou os dogmas estabelecidos acerca da revolução, apontando para a necessidade de a revolução socialista superar as tarefas não realizadas pela revolução burguesa na Rússia. Além disso, assim como Trotsky, Florestan Fernandes apontou para as particularidades do desenvolvimento econômico, que se daria de forma diferente dos esquemas clássicos, colocando para os revolucionários, em seu contexto, tarefas diferentes daquelas a que se propunham.

Expressando com mais força suas afinidades com a teoria trotskista, em meados da década de 1980, convidado a sistematizar suas ideias a respeito do conceito de revolução, Florestan Fernandes dialogou de forma próxima com outra tese fundamental de Leon Trotsky, sistematizada na teoria da revolução permanente. Entre as teses presentes nessa teoria, afirmava-se, primeiro, que nos países de capitalismo dependente as burguesias não liderariam um processo de transformações revolucionárias liberal-burguesa, pois, desde sua formação até a sua consolidação como “donos do poder”, essas classes



teriam se mantido associadas ao capital externo. Segundo, que as “revoluções nacionais”, para não se tornarem “revoluções interrompidas”, teriam que avançar para processos socialistas que, mesmo assumindo bandeiras democrático-burguesas, deveriam ser dirigidos pelos próprios trabalhadores. Segundo o sociólogo,

o proletariado não poderia pretender desempenhar as tarefas revolucionárias da burguesia e funcionar como um fator de compensação histórica. Isso seria pueril. A revolução dentro da ordem é meramente instrumental e conjuntural para o proletariado, ligando-se à necessidade histórica de proteger e acelerar a constituição da classe como classe em si, capaz de tomar em suas mãos o seu desenvolvimento independente. A partir de certo nível, o proletariado força a mudança de qualidade da “guerra civil oculta”, exige que as reivindicações socialistas mudem de teor, pondo em xeque a supremacia burguesa e o poder político da burguesia. O que quer dizer que, desse nível em diante, o proletariado terá de hostilizar todas as criações do capitalismo; sua relação com a revolução burguesa mudará de qualidade, porque e, então passará a importar-se em como passar da “guerra civil oculta” para a “guerra civil aberta”, ou seja, a derrubada da ordem e a constituição de uma democracia proletária (FERNANDES, 2007, p. 116).

Essas formulações de Florestan Fernandes encontram relação com as elaborações dos trotskistas brasileiros, elaboradas desde o início da década de 1930. Na década de 1950, em texto apresentado como curso de formação, Hermínio Sachetta apresenta algumas das bases teóricas que seriam apropriadas nas teses posteriormente desenvolvidas por Florestan Fernandes. Segundo Sachetta (2007, p. 33),

a história recente provou que a burguesia nacional e “progressista”, como está em moda dizer-se hoje, é incapaz de encabeçar toda a nação na luta contra o domínio imperialista; de um lado porque a unidade orgânica da economia mundial faz dessa burguesia um parente pobre do capital financeiro e, de outro lado, porque muito mais que ao imperialismo a que, em parte, está submetida, a burguesia teme seu próprio proletariado. (...) As lições dos movimentos revolucionários de nosso século, particularmente no Oriente, estão a provar que a burguesia “progressista” é um mito nefasto que vem entorpecendo de modo trágico a ação independente de classe do proletariado.

Essas afirmações de Sachetta se expressam na produção de Florestan Fernandes, em diferentes obras, por exemplo quando o sociólogo afirma, apontando para os limites da revolução burguesa:

No nível mais amplo, a noção de revolução tem que ser calibrada pelas classes trabalhadoras em termos das relações antagônicas entre burguesia e proletariado dentro do capitalismo da era atual. A época das revoluções burguesas já passou; os países capitalistas da periferia assistem a uma falsa repetição da história: as revoluções burguesas *em atraso* constituem processos estritamente estruturais, alimentados pela energia dos países capitalistas centrais e pelo egoísmo autodefensivo das burguesias periféricas. Estamos na época das revoluções proletárias e pouco importa que elas só tenham aparecido nos “elos débeis” do capitalismo. (...) Por isso as burguesias dos países centrais se organizam como verdadeiras bastilhas e promovem seu “pluralismo democrático” ou seu “socialismo democrático” como se fossem equivalentes políticos do socialismo revolucionário e do comunismo (FERNANDES, 2007, p. 61).



Em outras palavras, Florestan aponta para o papel fundamental do proletariado como classe no processo revolucionário e para os limites políticos e sociais da burguesia como agente de transformação social. Nesse sentido, conclui o sociólogo:

A revolução em processo, que caracteriza a presença e o papel construtivo das classes trabalhadoras na história, não é só uma revolução anticapitalista e antiburguesa. Ela é uma revolução socialista, que se negará como tal na medida em que o socialismo se converter, por sua vez, em padrão de uma nova civilização, culminando em seu eixo final que desemboca no comunismo (FERNANDES, 2007, p. 63).

Em sua análise da realidade brasileira, Florestan Fernandes apontava para a necessidade histórica de uma revolução socialista, protagonizada pelo proletariado, problematizando em seus textos a atuação das organizações de esquerda. Não se tratava de fazer uma revolução burguesa e democrática, para superar estruturas semifeudais, como afirmavam os setores vinculados ao stalinismo. A perspectiva de Florestan Fernandes crítica ao stalinismo fica clara, por exemplo, em meados da década de 1980, quando afirmava: “O *capitalismo reformado* é uma balela e os que acreditam nele como ‘uma forma de revolução democrática’”, que seja “capaz inclusive de superar o socialismo proletário, nunca tiveram quaisquer elos efetivos com as posições proletárias na luta de classes” (FERNANDES, 2007, p. 87).

Percebe-se, portanto, que as análises de Florestan Fernandes estão fortemente marcadas pela influência do marxismo, com as quais tomou contato desde a década de 1940. Esse marxismo se desenvolveu sob a influência do trotskismo, negando, portanto, dogmas teóricos e esquemas históricos rígidos previamente elaborados. Essa influência é perceptível em suas análises acerca da realidade brasileira, mostrando sua importância para compreender os processos históricos e políticos vivenciados nas últimas décadas no Brasil.

REFERENCIAS

COGGIOLA, Osvaldo. “Florestan Fernandes e o socialismo *In*”: FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo**: últimos escritos e outros textos. São Paulo: Xamã, 1995.

FERNANDES, Florestan. **Em busca do socialismo**: últimos escritos e outros textos. São Paulo: Xamã, 1995.

FERNANDES, Florestan. “O que é revolução”. *In*: **Clássicos sobre a revolução brasileira**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.



SACHETTA, Hermínio. “O trotskismo”. *In*: TROTSKY, Leon. **A revolução permanente**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Michel Goulart da. “O partido político em Florestan Fernandes”. **Em Debate**, n. 8, 2013.

SILVA, Michel Goulart da; VELHO, Ricardo Scopel. “A Constituinte na perspectiva estratégica de Florestan Fernandes”. **Marx e o Marxismo**, n. 12, 2019.

TROTSKY, Leon. **A história da revolução russa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima